

MAPEAMENTO DE CINEASTAS MULHERES INDÍGENAS BRASILEIRAS¹

Clara 'Rewai'õ Idiorie Xavante²
Ceiza Ferreira³
Universidade Estadual de Goiás (UEG)

Resumo: O presente trabalho apresenta resultados iniciais de uma pesquisa de iniciação científica em andamento, que tem como objetivo fazer um mapeamento das cineastas mulheres indígenas brasileiras no período de 2016 a 2022. Aqui nos limitaremos a apresentar a trajetória das cineastas Graciela Guarani e Patrícia Ferreira Pará Yxapy.

Palavras-chave: Mulheres indígenas. Cinema brasileiro. Cineastas indígenas.

Resumo expandido: O presente mapeamento busca identificar quem são as mulheres indígenas que atuam e constroem o cinema indígena brasileiro. A metodologia adotada para a obtenção destes dados foi pesquisa documental, realizada por meio de levantamento em catálogos e sites de festivais e mostras de cinema realizadas de 2016 e 2022. Este recorte temporal foi estabelecido levando em consideração uma maior probabilidade de volume de material a ser pesquisado, visto que são ainda muito recente a difusão do audiovisual feito por mulheres indígenas em janelas de exibição.

Neste recorte foram selecionados o 1º Festival de Cinema e Cultura Indígena (FeCCI) realizado em dezembro de 2022 em Brasília, visto a magnitude do evento, o primeiro grande festival que destaca o protagonismo da pluralidade cultural e principalmente, do cinema indígena em nível nacional. O segundo evento selecionado foi a segunda edição da Mostra AMOTARA, cuja proposta é evidenciar o ponto de vista das realizadoras indígenas.

O Cineop - Mostra Histórica (2022) por ser uma janela de exibição já consagrada e a Mostra Maracá (Narrativas indígenas do Nordeste) por contribuir para o fortalecimento do cinema indígena do Nordeste e sua difusão por meio de uma plataforma em parceria com a Fiocruz também foram selecionados. A partir desse levantamento foi possível constatar que há uma parcela maior de filmes dirigidos por cineastas homens, ou seja, 37 produções, enquanto as realizadoras dirigiram 23, sendo que três nomes femininos se destacaram por aparecer em mais de um festival/mostra, ou pelo fato de ter mais de uma produção nos eventos analisados, como Graci Guarani e Patrícia Ferreira Pará Yxapy (figura 1).

¹ Trabalho apresentado na 12ª Semana de cinema e audiovisual da Universidade Estadual de Goiás (SAU UEG) e 2º Encontro das Escolas de Cinema do Brasil Central (EECABC), que ocorreu na cidade de Goiás (GO) de 14 a 16 de junho de 2023.

² Graduanda do curso de Cinema e Audiovisual na Universidade Estadual de Goiás. E-mail: claraidiorie@aluno.ueg.br

³ Orientadora da pesquisa de iniciação científica. Professora do Curso de Cinema e Audiovisual na Universidade Estadual de Goiás. E-mail: conceicao.silva@ueg.br



Figura 1 - As cineastas Graci Guarani e Patrícia Ferreira Pará Yxapy

Quem são elas?

Graciela Guarani é pertencente ao povo Guarani Kaiowá, além de cineasta é produtora cultural, comunicadora, curadora de cinema e professora. Uma das mulheres indígenas pioneiras em produções audiovisuais indígenas. Professora do curso Mulheres Indígenas e Novas Mídias Sociais - da Invisibilidade ao Acesso aos Direitos (ONU Mulheres Brasil), Facilitadora da oficina Ocupar a Tela: Mulheres, Terra e Movimento (IMS e Museu do Índio, 2019), Debatedora da mesa redonda Mulheres na Mídia e no Cinema, na 70ª Berlinale (2020).

Patrícia Ferreira Pará Yxapy é Pertencente ao povo Mbyá-Guarani. É cineasta e professora. É Co-fundadora do Coletivo Mbyá-Guarani de Cinema. Também é considerada uma das pioneiras na área, sua formação no audiovisual se deu a partir do Vídeo nas Aldeias. Participou de inúmeras mostras e festivais de cinema nacionais e internacionais. Co-dirigiu filmes como “As bicicletas de Nhanderu” (2011), “Desterro Guarani” (2011), “No caminho com Mario” (2014), e co-dirigiu “Teko Haxy – ser imperfeita” (2018), com Sophia Pinheiro, e “Nhemongueta Kunhã Mbaraete” (2020), em colaboração com Graciela Guarani, Michele Kaiowá e Sophia Pinheiro.

O recente crescimento do número de profissionais se confirma com o lançamento da primeira rede audiovisual de mulheres indígenas, a Rede Katahirine desenvolvida pelo Instituto Catitu, que também está realizando o mapeamento de cineastas indígenas mulheres de todo território nacional. “Até o momento foram mapeadas 75 cineastas indígenas no país. Contudo, fazem parte desta constelação, a Rede Katahirine, 57 cineastas” (KATAHIRINE, 2023, s/p).

Portanto, a importância dessas mulheres no audiovisual se dá pelo fato de que as suas produções acrescentam novos olhares e conhecimentos. Há uma riqueza e pluralidade de conhecimentos e culturas dos povos indígenas do Brasil, fazendo com que se emergam diversas demandas, realidades, reivindicações (PINHEIRO, 2017; 2020), e muitos desses materiais

encontram-se em ambientes e conhecimentos que culturalmente cabem às mulheres que só se sentem à vontade para falar com outra mulher.

Referências Bibliográficas

INSTITUTO CATITU. KATAHIRINE: Conheça as mulheres da Rede Katahirine. Conheça as mulheres da Rede Katahirine. 2023. Site Katahirine. Disponível em: <https://katahirine.org.br/elas/>. Acesso em: 25 maio 2023.

FERREIRA, Sophia F. **Jaexá va'e jo hete re** - "O corpo que enxergamos". ILUMINURAS, Porto Alegre, v. 18, n. 43, 2017. DOI: 10.22456/1984-1191.72892. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/iluminuras/article/view/72892>. Acesso em: 28 maio. 2023.

PINHEIRO, Sophia F. Fazer filmes e fazer-se no cinema indígena de mulheres indígenas com Patrícia Ferreira Pará Yxapy. **Teoria e Cultura**, [S.L.], v. 15, n. 3, p. 161-176, 15 dez. 2020.

YXAPY, Patrícia F. P.; PINHEIRO, Sophia F. **Ser imperfeita**. Revista de Comunicação e Linguagens, n. 54, 1 Jul. 2021.

PINHEIRO, Sophia F. e PARÁ YXAPY Patrícia Ferreira. A imagem como arma: videografia dos encontros, metodologias de uma etnografia visual. In: **Processos e efeitos da produção de conhecimentos com populações indígenas: algumas contribuições**. MAINARDI, Camila; DAL'BÓ Talita Lazarin; LOTIERZO, Tatiana (org). Goiânia: Editora da Imprensa Universitária, 2020, p. 239-276.